

# ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



CASCAIS -- Dia de tempestade na baia

(FOT. DE ALFREDO PINTO (SACAEM))

Braga, 28 de Janeiro de 1928

NUMERO 308 — ANO VII

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Ilustração Catholica, L.da*»

## Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :		
Ano.	. . . . .	60\$00
Semestre	. . . . .	30\$00
Trimestre	. . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

COLONIAS :		
Ano.	. . . . .	64\$00
Semestre	. . . . .	32\$00
Trimestre	. . . . .	16\$00

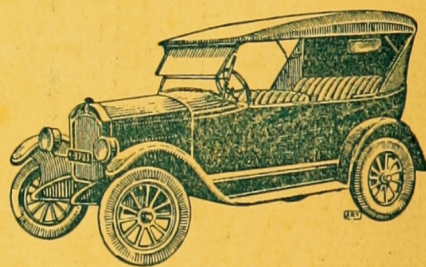
ESTRANGEIRO :		
Ano.	. . . . .	80\$00
Semestre	. . . . .	40\$00
Trimestre	. . . . .	20\$00
Numero avulso	. . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á*  
**Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA**

Telefone, 212

# Automoveis e Camionetes

## RUGBY



**Os carros preferidos pela sua elegancia e modicidade de preços**

**STAND RUGBY**

Avenida da Liberdade, 32

**BRAGA**

**UNIÃO**



**GRÁFICA**

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS E DE ENCADERNAÇÃO EM TODOS OS

: : : GÉNEROS : : :

**Tipografia e Encadernação**

TELEFONE, 41

R. Neva de Sousa, 107

:: BRAGA ::



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º  
Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica», Limitada

Braga, 28 de Janeiro de 1928

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA  
BRAGA

Anno VII — N.º 308

## Creche de Braga



AS CRIANÇAS INTERNADAS COM AS RELIGIOSAS

QUE DIRIGEM

ESTA INSTITUIÇÃO DE BENEFICENCIA

# CRONICA DA SEMANA

## Creche de Braga

**P**OR menos educada que esteja a nossa sensibilidade artistica, quem ha que não admire a formosura donairoza de um rosal em botão? Quem pode permanecer insensivel ao encanto de um ninho, onde pipilam suavissimas



*Conego Dr. João Candido de Novais e Sousa*

DIRECTOR DA CRECHE DE BRAGA

implumes avesinhas?... Infancia das flores, infancia das avesinhas, como sois belas!

Imaginal, porem, que um terno botãosinho de carne, mais setineo, mais aveludado, e de mais doce carminado que o de um rosal: escutai-lhe os vagidos, os primeiros balbuceios, mais harmoniosos, mais suaves que os gorgeios de alados cantores...

E, sobretudo, abismai o vosso olhar na luz infinita das suas pupilas: — profundas como o ignoto de um misterio, serenas como o carinho da paz, interrogadoras como a propria alma huma-

na, que nelas se reflecte, sem enganar, que ainda não pôde aprende-los.

Quem ao ve-las, não amará as crianças?

\*

Triste condição, porem, a da mesquinha humanidade. Os pais, dispartem longe do lar a febril actividade, consonante com as vibrações multiplices da civilização, correndo na vertigem da velocidade. Os ricos, tantas vezes, — esses sem desculpa — abandonam seus filhos, orfãos do calor do lar, a cuidados mercenarios. Os pobres, esses, abandonam-nos a si mesmos, ao sabor da sorte, ao influxo da rua, na rua, tanta vez enlameada de lodo que mancha o setinoso da branda epiderme, que parece amassada de leite e rosas, e — o que é peor — de lodo que mancha a pureza infinita daquele candido olhar.

\*

Bercinho gentil de alvo tule e arminhos afadados, preparou a Caridade para as criancinhas dos pobres na *Creche de Braga*. Ali encontram elas carinhoso afago e brando suave refugio, um ninho de alvura a respirar pureza, um vergel radiante onde enflorescem em primores as tenras vergonteadas depositadas nessa estufa, que tem por calorifero o Amor. Era a Associação Catolica uma sociedade de invulgar actividade mental: e floriu nesse caprichoso corimbo de obras sociais que tem a Creche por primicia, e por mais alevantada expressão.

Hoje que na cidade de Braga se está desenhando um movimento de simpatia e de auxilio à Creche, quere a *Ilustração Catolica* prestar-lhe um fervoroso preito, e ao seu director, o rev. Conego Novais e Souza, alma de apóstolo e de infatigavel zelo.

E com esse preito vai tambem a nossa veneração para as bondosas Senhoras que o coadjuvam. Religiosas, fizeram pelos pobres, pela sociedade e por Deus, o sacrificio da sua maternidade, mas sagraram esse sacrificio tomando a espirital maternidade de operarias do bem. Esse recondito misterio que deposita ternura sem par em todo o coração feminino, transmudaram-no em fonte imarcessivel de inegalaveis dons: os que se dão espontaneamente, e desinteressadamente...

Oh, desinteressadamente, não! E' alto o interesse, tão alto como o proprio Deus...

Mas que estas palavras sejam um preito à sua espirital maternidade; com um poeta nosso podiamos dizer-lhes tambem:

*O' santas, embalai os berços das crianças!*



**H**ENRY de Korab, o bisarro chronista do «Matin» fazia ha dias esta sinistra revelação: «*Sept millions d'enfants vagabondent, en Russie, comme des bêtes sauvages livrés au crime et à la prostitution*», e, n'uma admiravel projecção, põe deante dos olhos do mundo essa extranha sinistra legião de pequenos vagabundos, farrapos humanos, escoria crapulosa de sarcasmo, de miseria, residuo de todos os crimes, nata de todas as villanias, o espelho onde deve remirar-se a moral d'esse regimen de sangue, de prevercidade e de confusão.

A vasta ceara vermelha produz os seus primeiros fructos; e se no meio d'essa grande feira d'odios, de rancores, de prevercidades, a sinceridade não fosse um mytho, a moral uma ficção, que extranha lição para os apóstolos d'esse regimen d'odios que aniquilou um país, esmagou uma tradição, confundiu, incendiou, subverteu, para este resultado tragico mas evidente de miseria, de desgraça, de horror.

A Russia vermelha prégou uma moral nova, acima de todos os preconceitos, de todas as religiões, de todos os cerebros, uma moral — irrisoria ironia! — da natureza pela natureza, uma vez na terra, a semente daninha germinou em sangue, em odio, em prevercidade, esse fructo tragico que é a synthese moral d'esse systema fallido.

Destruiu a familia, tripudiou do amor, entregou os homens aos seus designios e aos seus appetites e os homens geraram essa fama criminosa e negra de vagabundos.

Enquanto os *meneurs* alçapremados nos altos poderes do estado repartiam entre si os despojos e as honrarias, n'uma torva e anceada loucura d'ambição e de fastigio; enquanto os vencedores, ainda negros da polvora, andrajosos ainda, se installavam na vida, se davam todos os luxos e todas as riquezas, no escuro das vielas no negrume das noites sombrias uma extranha maresia rugindo odios, bebida de gloria, mas faminta de pão, espriava-se em borbutões de lodo, espumando lama; relulando impiedades no alvoroço d'uma ressaca sinistra. No meio d'ese lodo surgiram essas almas como extranhas flores que medrassem n'um pantano e que não puderam crescer sem que as lobreças emanações lhe não contaminassem o frescor e o viço, sem doces mãos de mãe que as guiassem n'uma terna piedosa jardinagem d'amor. Mas a familia era uma velharia, uma tradição reaccionaria, o amor uma utopia, a espiritualidade uma mentira crapulosa. As creanças que ora nasciam livres no solo livre da Russia, não pertenciam a nin-

guem porque a carne fremindo diabolicos gosos, não assegura posses e como assumi-las corpos desvanecidos que ao acaso se amalgamavam e fundiam n'um orgiaco delirio!

As crianças eram de Russia, tão livres, tão senhoras de si, que o proprio estado, assegurando-lhes nas maternidades um certo appoio, logo se desinteressava, lançando-as para a onda confusa e sinistra das cidades, para o praial largo de todos os vicios, para a aventura sinistra de todas as miserias, a si proprias entregues para a loucura da vida: pobres, estranhas flôres!

E as tristes boninas do charco foram medrando no charco, cresceram entre miasmas, sem um pé, sem um braço, sem um arrimo, entregues a si proprias, arrastadas pela voragem assoladora do crime. Com fome, aos bandos, despresadas, como animais, rastejaram nas ruellas esconsas onde o ar que se respira tem emanações de morte e no crime vogaram, ao desamparo, esquecidas, extranha, sinistra legião crapulosa, que é a maior e mais horrivel chaga corroendo o corpo gangrenado desse regimen cruel.

Inconscientes desceram às ultimas aberrações, foram o vazadouro de todos os caprichos licenciosos, amalgama de todos os crimes; sem fé perpetraram as ultimas abjeções, os ultimos horrores; sem amparo suportaram os mais horripilantes sacrificios, pobres ingenuas flores de charco, que nenhuma graça tocou, nenhum doce perfume ungiu, hontem como sempre, errando na sombra como animais vadios, entregues ao crime e á degradação suprema.

Mas as vossas almas hão-de abrir-se um dia numa extranha floração, os vossos corpos de dejectos hão-de sentir um intimo calor, qualquer coisa de grande, de sublime, de divino, ha-de refflorir, palpitar, reflectir, e nesse instante uma extranha eclosão de luz purificadora como uma labareda sublime, illuminará a sombra dessas almas e subito, no negror da tempestade, um escambo luminoso projectará em toda a sua tragedia, em todo o seu horror, a tragedia, o horror dessas vidas, para que esses sete milhões de crapulosos vagabundos sacudidos por um latejo divino, descubram emfim a sua miseria, a sua desgraça, comprehendam a sua existencia tragica, vejam lá no fundo entre sangue, entre lama, entre egoismo, esse Estado carrasco, esse systema vendilhão que fez das suas almas essas rudes e monstruosas feras, que cançadas de morder já não podem morder!

José de FARIA MACHADO.

# PULSANDO A LIRA

## Ansia de amor

Sei que possuis, avara,  
escondido, um belo escrínio  
da joalheria mais rara.  
Vou fazer um vaticínio.

Podes crer que se avisinha  
o tempo de, justamente,  
sêres egrégia rainha  
dominando muita gente.

Ouve-me. Toma sentido.  
As vezes, quando te expandes,  
conheço teres nascido  
para coisas muito grandes.

És oceano de ternuras,  
requite de gentilezas,  
para aliviar desventuras,  
para consolar tristezas.

Que jãmais inutilizes  
essa fecunda existência,  
forte seiva de raízes  
da maior benemerência.

Olha: no desvão das portas,  
a língua àspere dos ventos  
fere criancinhas mortas  
em ecúleo de tormentos.

Por desesperos torcidas  
vejo, ao longo das estradas,  
pobres mães enlouquecidas,  
as vestes esfarrapadas.

Pela margem dos caminhos  
pedregosos e alagados,  
encontro meigos vèlhinhos  
de olhares embaciados.

Noivas, entrajando luto,  
chorando estranha viúvez.  
— Lânguidas flores sem fruto!  
— Por tôda a parte, aridez!

⊗ Lares, onde não há lume;  
campos onde não há pão.  
Dilacerante queixume  
abafando o coração.

Desentranha a maravilha  
de tua alma preciosa:  
— dos vèlhinhos, serás filha;  
dos deserdados, espôsa.

Irás brilhando na terra  
como áurea luz da manhã.  
E dos feridos na guerra  
serás providência, irmã.

Em palavras carinhosas,  
tua angélica bondade  
será pão feito de rosas  
para a mísera orfandade.

No enlêvo do teu carinho,  
irás espontâneamente  
arrancar agudo espinho  
ao coração mais descrente.

Consagra amor verdadeiro  
aos tristes, aos sofredores.  
Verás na torga do arneiro  
desabrochar lindas flores.

Serás depois a rainha  
sempre no meio de palmas;  
e santa, na ladainha  
dos corações e das almas.

Viverás continuamente  
— sem oiro, seda, brocados —  
numa auréola refulgente  
— Senhora dos desgraçados.

E passarás em cortejos,  
dizendo, pelos caminhos,  
lábios que te mandam beijos:  
— E' a mãe dos orfãosinhos.

*P.º Silva Gonçalves*

## Os Vendilhões do Templo

NÃO vai muito que *El Impacial* de Madrid, pela pênna do seu correspondente em Lisboa, Jesus Hurtado, afirmava, focando certa e determinada literatura... ultra-moderna:

... « a fina, sagaz e exquisita sensibilidade portugêsa, que sabe vibrar a tempo, não desconhece que na austera catedral dos *Lusiadas* não podem venerar-se imagens de barro grotesco »...

Estamos certos de que essa «fina sensibilidade» — sem favor de Jesus Hurtado — vibrará a seu tempo; mas a data não foi ainda fixada, e a expectativa tortura-nos. Vivemos, por mal dos nossos muitos pecados, a sacrilega e desaustinada idade... do *jazz-band*. Os espiritos, afastados e perdidos da estrada luminosa do Classicismo, desviados estouvadamente dos grandes marcos miliares que a assinalavam, tenteiam pelos atalhos da vida e da arte, esbracejando na nevoa.

Sem finalidade? Sem finalidade. O seu horizonte é perto e nebuloso.

Houve o desejo pueril de *épater*, os pruridos de uma originalidade... traduzida *currente calamo* das tiradas nihilistas dos inovadores de alem fronteiras...

A lingua, dona cheia de graça e compostura, sofreu, á mão irreverente dos iconoclastas, uma ignobil maquilhagem. Desarranjaram-lhe os cabelos, cortaram-lh'os depois á Garçonne. Desnuclaram-na. Desaus tinaram-na, Rainha, arrancaram-lhe a corôa e o sceptro, e riram soêzmente ao vel-a si-randar em ruas suspeitas, irreconhecivel de cigarro ao canto da boca...

— Sem Deus! sem Patria!

\*

Fórmulas novas, novos horisontes? Está bem, criem-se novas fórmulas. Mas, ao creal-as, respeite-se o Espirito. Modelar no barro uma atitude irrevelada não é nem póde significar a condenação das regras da Estatuaria. O progresso tem de firmar-se na experiencia; e o rumo do futuro, por mais luminoso que se nos afigure, tem de ligar fatalmente com os caminhos do Passado. Hontem é lição para amanhã. Progredir — é evoluir.

Novas fórmulas?

Venham elas. A literatura, como a arte, marchando com o tempo, cria necessidades novas, abrange inesperados horizontes; mas,

porque se creou responsabilidades, haverá de respeitá-las. Se o não fizer, os resultados — e estão a ver-se — serão deploraveis. Desorientará o publico, contribuindo para a desordem que vai arrasando o mundo...

E ainda se á Gramatica se salvasse!

\*



Dr. Claudio de Basto

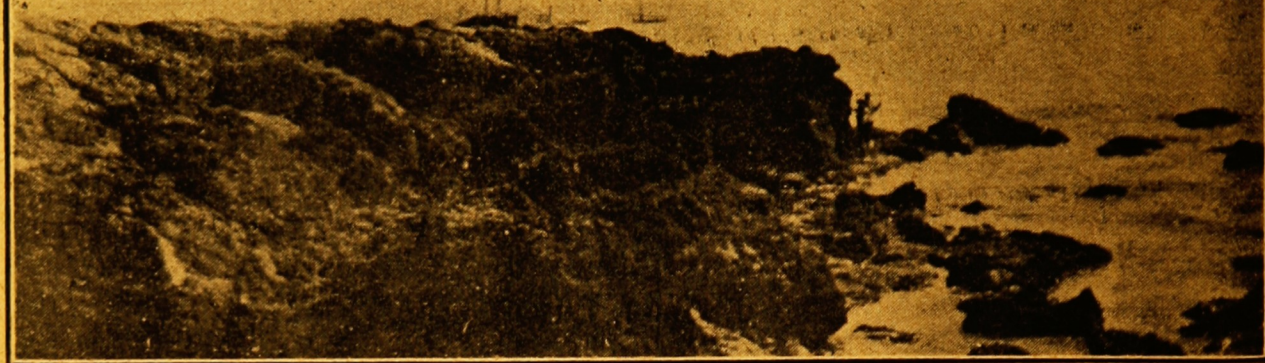
Talentoso Escripitor minhoto. O seu ultimo trabalho, «A Linguagem de Camilo», está sendo acolhido festivamente pela critica

Tem razão Jesus Hurtado: a sagaz e «fina sensibilidade», porque não desconhece a catedral luminosa dos *Lusiadas* onde já-mais serão venerados os idolos de barro, virá a tempo de salvar a honra... do convento literario.

Por'ora, — tolera-os. A' sobreposse. Como tolera o *jazz* selvagem e criminoso, e como tolera os ultrages que lhe vão atirando com a lama das ruas. Mas confia em Deus e em si-mesma. A «doença» passará e, com ela, este parentese de anarquia. E então, retomando as suas prerogativas de Soberana, escorraçará os vendilhões sacrilegos que ou-saram armar tendas sob os pórticos sagrados da Catedral.

Teixeira Pinto.

# Cascais



ESTA praia que fica à distância de Lisboa, a quarenta minutos em comboio rápido, é um dos arredores da nossa capital, com melhores pergaminhos de fidalguia.

Já do tempo da monarquia era o ponto favorito de El-Rei Dom Carlos, depois da sua estada em Sintra, ponto favorito este, de mais agrado da ex-rainha Dona Amelia.

Hoje Cascais ainda permanece a praia mais elegante do país, que ligada aos Estoris é a região mais linda, como arredores de Lisboa.

Estação muito propria para inverno, cujo ar ameno é uma constante atracção de estrangeiros, principalmente de ingleses, a vila de Cascais tem condições de vida para vir a ser uma das nossas praias mais concorridas de estrangeiros e de portugueses.

Cascais é uma praia, que disfruta uma situação esplendida. A sua Bãhia, cuja vista é deslumbrante, os seus passeios à tradicional Bôca do Inferno, ao farol da Guiz,

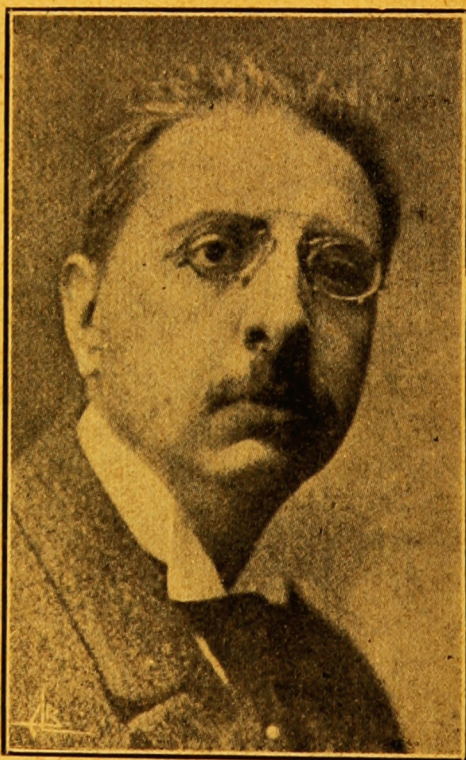
aos pinhais da Marinha, com o seu campo de carredas, à praia do Guincho, a linda estrada pela serra até Colares e Sintra, é um conjunto otimo para turismo, principalmente quando este fôr compreendido como dever...

A vila possui hoje casas de boa aparência, quasi todas pertencentes a familias lisboetas da nossa melhor sociedade. Principalmente a parte nova, para os lados dos pinhais da Gandarinha tem amplas avenidas, bem traçadas e sempre muito limpas.

Tambem existe nesta praia uma intensa vida religiosa como não é vulgar encontrar-se em terras para se passar a estação calmosa.

Na Igreja Matriz, o rev. Prior, Caetano Baptista é um Parocho que se interessa pelo culto na sua igreja, e como musico e inteligente cultor, organisa festas lindissimas, chamando de Lisboa os melhores artistas.

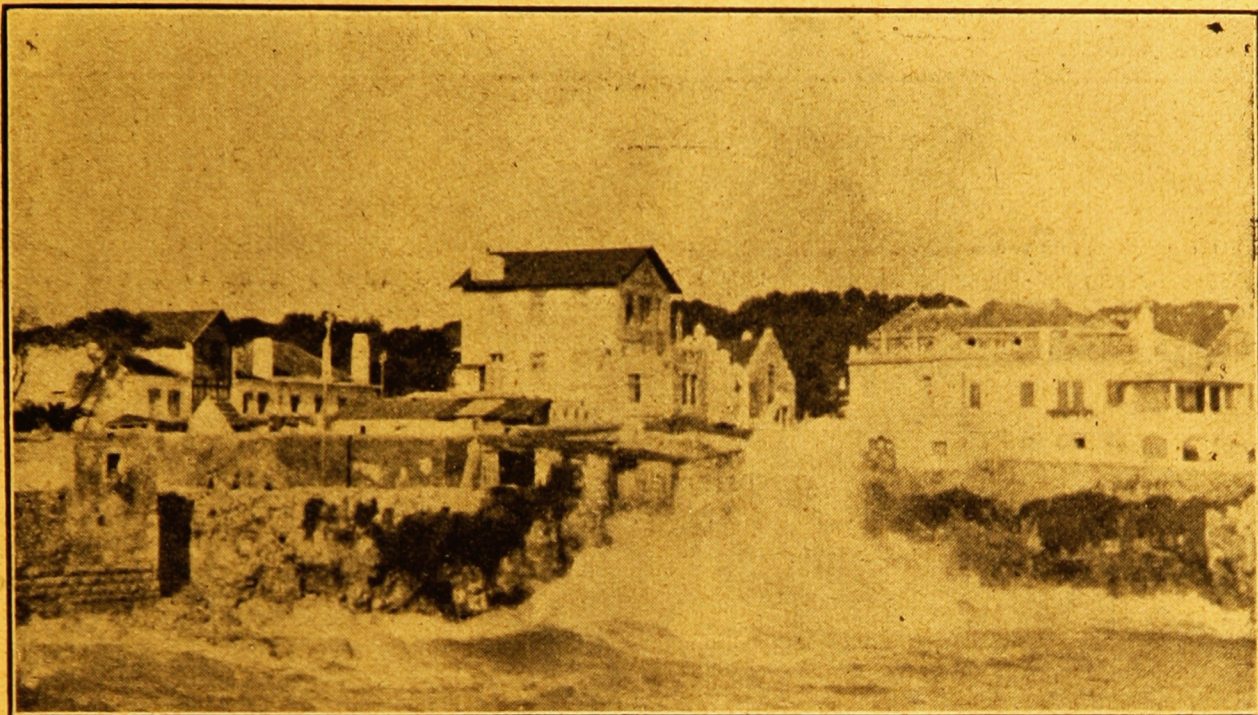
O Rev. Padre Antunes, na Igreja da Misericordia, como sacerdote fervoroso, tem todos os dias devoções, sempre concorridas e à tarde ben-



Dr. Alfredo Pinto (Sacavem)

Distintissimo critico de arte e nosso illustre colaborador.



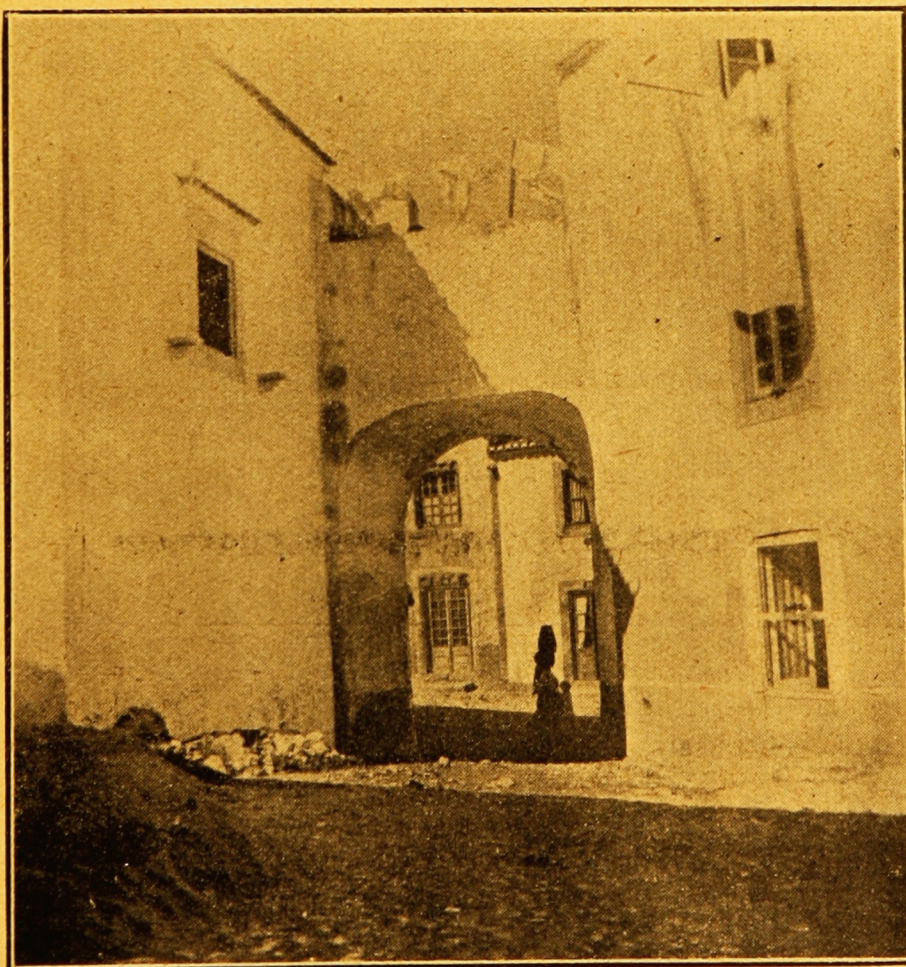


CASCAIS. — *Mar revolto.*

ção do Santissimo. Sacerdotes vindos de Lisboa onde veem passar alguns meses, ajudam o culto em varias capelas, não nos devendo esquecer o Rev. Padre Torres, que tem por Cascais grande amizade, sendo o seu melhor reclamista.

Lindos jardins, quinta da Ex.<sup>ma</sup> Duquesa de Palmela emolduram esta vila, onde todas as manhãs e tardes, ranchos de crianças brincam leves de alegria, não contando com as que guarnecem as diversas praias de Cascais. Cascais, ninguém poderá negar, tem ainda um brilhante futuro a realisar, pois as obras que se projetam, os casinos, etc., será um centro magnífico de estação turistica, que poderá rivalisar com o melhor de lá de fóra.

*Alfredo Pinto (Sacavem).*



CASCAIS. — *Arco do antigo Castelo.*

(São do autor os clichés fotograficos de Cascais que neste numero reproduzimos).

1928  
62/66

# D. Antonio Alves Ferreira

Falecido Bispo de Vizeu

FAZ no dia 29 do corrente (Janeiro) um ano que faleceu, na sua residencia, em Vizeu, na idade de 62 anos, vítima duma lesão cardiaca, este insigne Prelado, verdadeiro modelo do Prelado apostolo, que não vê na sua mitra um título de vaidade, mas

Formado em Teologia e Direito pela Universidade de Coimbra, onde alcançou classificações muito honrosas, foi nomeado Vice-Reitor do Seminario de Lamego em que exerceu com notorio brilho o ensino de diversos preparatorios e Teologia. Foi tambem Conego, promotor e governador do Bispado na mesma dfo-cese, distinguindo-se como a alma do movimento de protesto e insubmissão contra a insinua-ção regia, por morte do Bispo D. Antonio Tomaz Leitão, em defesa dos direitos da Igreja e do cumprimento do Direito Can-ónico na eleição do Vigario Ca-pitular, questão que se tornou celebre e que foi até á suspen-são das temporalidades aos Co-negos.

Foi depois transferido para o Cabido da Patriarcal com onus de ensino que exerceu com a sua conhecida proficiencia no Seminario de Santarem.

\*

\* \*

Em 1908 foi nomeado Bis-po Coadjutor de Vizeu, titular de Martyropolis, passando a go-vernar a diocese na impossibili-dade do saudoso D. José Correia de Carvalho.

Em 2 de Julho de 1911 fa-lecera o Bispo proprietario, fi-cando D. Antonio Alves Ferrei-ra Bispo de Vizeu por direito de sucessão.

Tremenda herança ! No dia 1 tinha entrado em vigor a lei de separação.

O novo Bispo de Vizeu já afeito ás grandes lutas na defesa dos direi-tos da Igreja e apercebido com o saber de experiencia feito no governo da diocese, en-carou os acontecimentos com serenidade e desassombro, perfeitamente conformado com os designios da Providencia, que tantas ve-zes permíte a perseguição da sua Igreja pa-rra purificar e fazer resurgir, com mais bri-lho, dos proprios escombros !

Em Janeiro de 1912 é-lhe apontado o caminho do exilio por ter assinado a celebre



D. Antonio Alves Ferreira  
Falecido Bispo de Vizeu.

somente um cargo de tremenda responsabi-lidade, um mandato de que ha-de dar es-treitas contas na hora suprema do «*Rede rationem villicationis tuae*».

Foi assim que D. Antonio Alves Fer-reira, desde a primeira até à ultima hora do seu governo, num dos mais atribulados e dificeis periodos da nossa historia religiosa, encarou o papel de Bispo — serviu a Igreja pela Igreja ou serviu a Igreja com os olhos em Cristo.

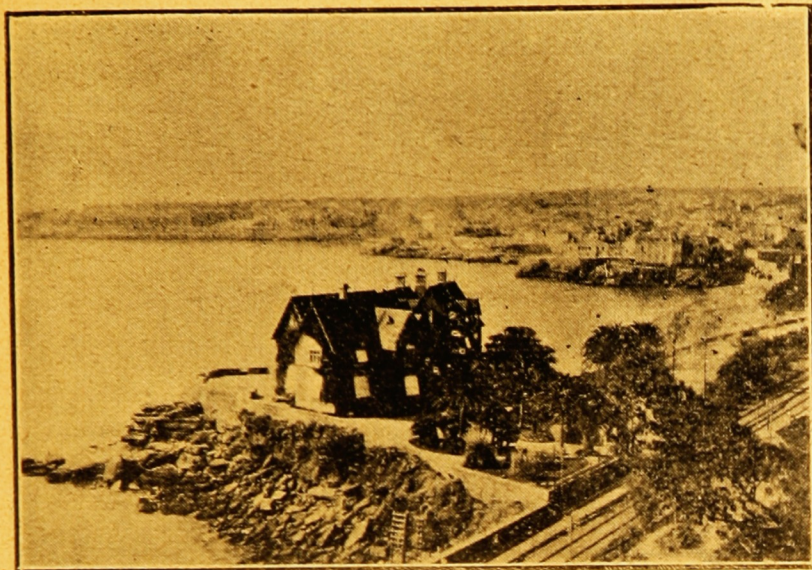
pastoral em que eram condenadas as leis do Governo Provisorio contra a Igreja.

Do exilio continuou governando a sua Igreja, tendo em Vizeu como seu representante e dedicado auxiliar o actual Vigario Capitulár Monsenhor Dr. Antonio Marques de

ção de inaugurar o novo Seminario num esplendido edificio que custou centenas de contos, deixando tambem uma confortavel residencia episcopal e convenientemente instalado o «Jornal da Beira», porque á sua providencia de pastor nada escapava.

Deixára em construção o belo edificio do Circulo Catolico que é já hoje uma consoladora realidade, destinado ás instalações da Camara Ecclesiastica, e funcionamento das diversas outras catolicas e sociais.

Ele era o primeiro a dar o



CASCAIS.— Vista geral

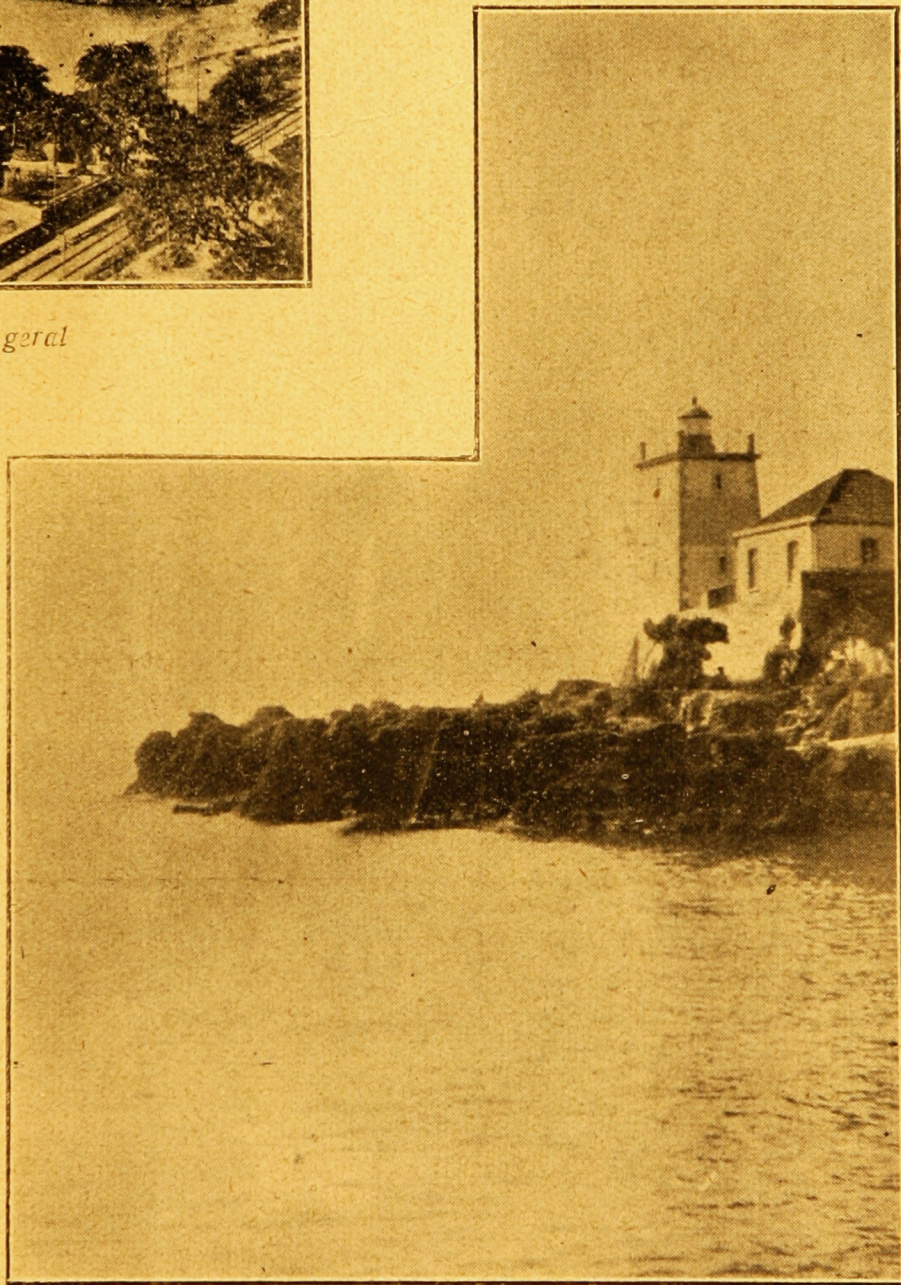
Figueiredo, então Vigario Geral do Bispado e Deão da Sé.

E' notavel de logica e energia o seu officio dirigido ao ministro da Justiça Dr. Macieira, rebatendo o discurso deste no Teatro Viriato, de Vizeu, de ataque violento ao procedimento dos Prelados, nomeadamente do de Vizeu.

#### A sua acção pastoral

Dissemos que D. Antonio Alves Ferreira foi um prelado apostolo. E' uma verdade provada pelas obras que ficaram a atestá-la. Sobrio e extremamente modesto vivendo numa quasi pobreza domestica, soube encontrar recursos para fundar o novo Seminario que começou por alguns alunos que sentou á sua mesa, albergou na sua modestissima residencia e ainda para estabelecer a obra missionaria na diocese, dar novas instalações ao «Jornal da Beira» e socorrer do seu proprio bolso muitos sacerdotes que a Lei da Separação lançou na pobreza. Quem escreve estas linhas foi muitas vezes portador destes obolos episcopais quando o Santo Prelado o não podia fazer pessoalmente no mais biblico segredo.

Pouco antes de morrer teve a consola-



CASCAIS.— Mar tranquilo.— Farol de Santa Marta

exemplo ao seu clero na obra do apostolado, percorrendo todas as freguezias da sua diocese, pregando em todas e fazendo as conferencias quaresmais na Sé durante dez anos seguidos sob um plano teologico e moral, facto novo em Vizeu, que chamou à Sé a ouvir a palavra do Bispo as populações visi-

nhas da cidade. A sua modestia e simplicidade apostolica, com que tratava grandes e pequenos, criaram na cidade e em toda a diocese uma tal simpatia pelo Bispo de Vizeu que a sua morte foi para todos um pesado luto de familia. Choravam-no como se

chora um pai que nos deixa na orfandade. E o clero distinguiu-se nesta manifestação de luto ao que foi para ele um verdadeiro amigo.

*Cônego Inccencio Galvão.*

## BORBOLETAS

A Ornelas Monteiro

TARDE de Setembro. Três horas. No azul faiscante, um Sol encandecido. A terra, afogueada e sequiosa. Os vegetais desfaleciam. Sufocava-se. Sòmente as grandes carvalheiras umbrosas nos ofereciam um retiro refrigerante.

Jorge e Leonor, de visita, nêsse dia, à sua querida amiga da Casa de Mantelães, pediram-lhe licença para irem um bocadinho até à mata da quinta, refugiando-se ali daquele calor inclemente. Amável, a viuva do Conselheiro condescendera, e o casal bem dado, percorrendo dois extensos campos de fiadas de requeimados pâmpanos — onde tòda a santa manhã ranchos de mulheres vindimaram ao mando do senhor Tomazinho — logo daí a pouco experimenta a grata sensasão da sombra pacificante.

— ¡ Que bom! — diziam um ao outro, estatelados na erva ressequida, no gòzo de uma perfeita beatitude.

E êle pôs-se a recitar uma cândida historieta de amor. Ela escutava, deliciada. Mas uma forte prostração a invadiu, vencendo-a, e, por fim, já nada ouvia.

Lendo sempre, interessadissimo, Jorge não déra pelo quebranto da companheira. E Leonor dormia... dormia... Súbito, um gritinho de susto écouu sob as árvores pujantes.

— ¿ Que foi?

Estremunhada, atordoada, Leonor explicava:

— Qualquer coisa, bicho talvez, que me poisou na bôca...

Vitoriosamente, levantou vôo, no momento, uma borboleta de asas còr de anil palhada de oiro.

— Olha, vê: foi essa mariposa que te beijou...

Ela seguiu com seus lindos olhos avuludados o pequenino insecto, irisado da luz esfuante, e confirmou:

— E' verdade!...

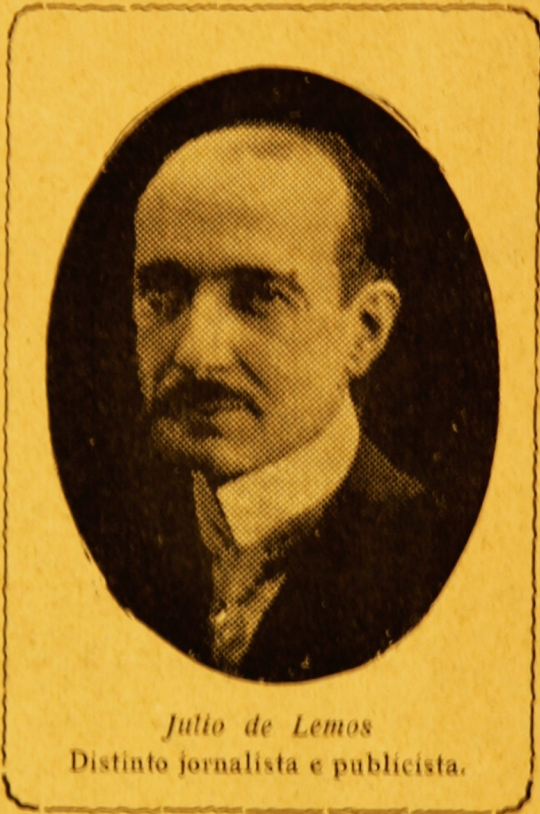
Errava no ar um penetrante cheiro a mosto. A passarada a r que java nas frondes do arvoredo. Cantavam as cigarras. Zumbiam os moscardos. Do Rio Coura, que se recortava lá-baixo, no vale luxurioso, em esbeltas curvas, coruscante como prata nova, vinha um sussurro monótono e adormecedor. Tudo era calma — e apenas o moinho bracejante do Morgado de Palmeira punha uma palpitação de vida na verde paisagem empoeirada.

Leonor continuou acompanhando com o olhar a minúscula borboleta, que dansava na luz tamisada e ora poisava num arbusto,

ora noutro, inquieta, numa ansiedade de quem espera...

E, com efeito, esperava. A breve trecho, outra borboleta, branquinha como uma noiva, surgia, alvoroçada, e vinha juntar-se-lhe, num transporte; — e o doce pàzinho, ternamente encantado, voava, voava, daqui para ali, para além, numa estonteante sofreguidão do capitoso nectar do amor...

Aproximando-se, o pequenino par adejou em torno de Leonor, fascinada ainda das azitas anil e oiro da borboleta que antes a despertara. E um novo gritinho tornava a



*Julio de Lemos*  
Distinto jornalista e publicista.



CASCAIS. — *Tres gentis frequentadoras.*

distraír Jorge da sua leitura ; o teimoso alado voltara a roçar, furtivamente, os lábios de sua mulher, num ósculo ávido.

— Vês? Não me deixa esta maldita — disse, a fingir de agastada.

— ¿ Como há de deixar-te, se te julga tal como és ?

— ¿ Uma flor ?

— Pois decerto !

E um beijo casto retiniu no austero silêncio da mata...

JÚLIO DE LEMOS

Do Livro inédito:

« *Ares da Montanha* ».



## NO RITMO DA VIDA UNIVERSAL

Estiveram a semana passada em Lisboa quatro cruzadores ingleses, os que constituem a segunda esquadra do Atlantico. Era official a visita e deu ensejo a troca de amistosadas saudações e a festas e banquetes, que servindo de manifestar as boas relações entre Portugal e Inglaterra, deve — como afirmou o almirante sir Larken, chefe da esqua-

dra — contribuir para apertar cada vez mais a tradicional aliança dos dois paises.

Com tais propositos é de rejubilar a visita do «Curaçoa» e dos outros esbeltos cruzadores britannicos.

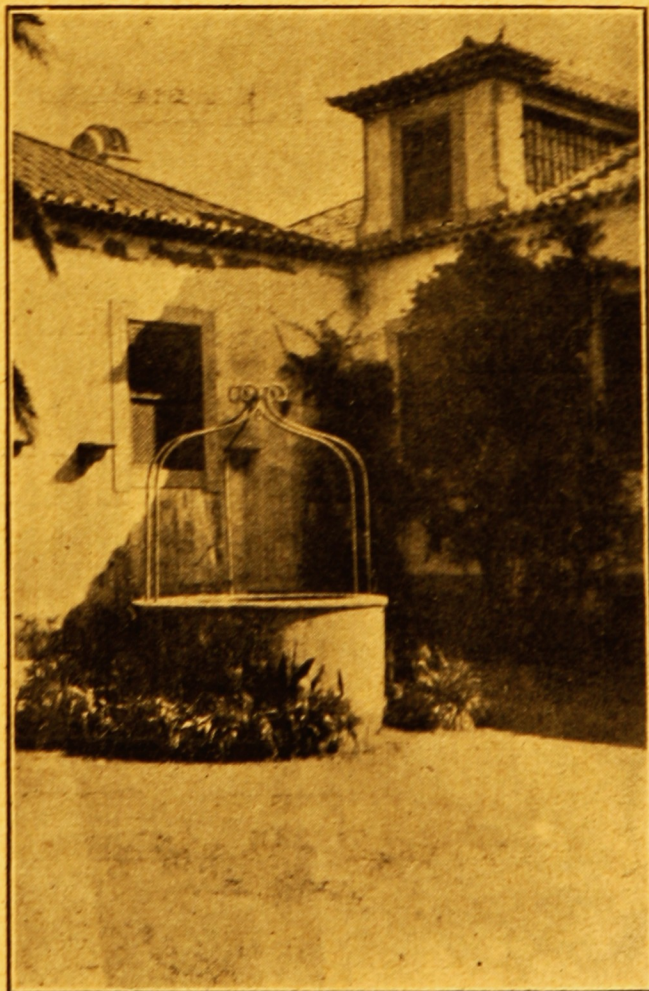
\*

Uma oportuna lição deram os marinheiros catholicos da esquadra indo, formados militarmente, assistir à missa na igreja dominicana do Corpo Santo, vulgarmente chamada dos inglezinhos pois é da nação britannica e até seminario seu. Não é que, realmente, seja caso muito extranho em Portugal. Já vai longe o absurdo materialismo do seculo passado.

\*

Tambem por motivo de se assinar um tratado entre Portugal e Espanha, tratado de arbitragem e regulamentação de pontos juridicos internacionais, foram trocados muito amistosos telegramas entre Primo de Rivera e o ministro portuguez dos negocios estrangeiros dr. Betencourt Rodrigues. E' um indice da boa situação internacional do pais.

Essa boa situação parece ainda afiançar-se com a vinda que já se anuncia de outras esquadras ao Tejo.



CASCAIS. — *Entrada da casa da Senhora Condessa de Arno.*



CASA DA  
SANTA  
CARIDADE  
DE SEVILHA

E' uma instituição mu-  
to semelhante às Mises-  
ricórdias portuguesas,  
e criada por D. Miguel  
Mañara, filantropo  
espanhol.

O EDIFÍCIO



O MILAGRE DA MULTI-  
PLICAÇÃO DOS PÃES. —  
Tela de Murillo na  
Caridade de Sevilha



MOISÉS E O MILAGRE  
DAS AGUAS NO DESER-  
TO. — Tela de Murillo  
na Caridade de Sevilha





*P.º Antonio José da Silva Gonçalves*

Ilustre orador sagrado, jornalista  
e notavel poeta.

## **P.º Antonio José da Silva Gonçalves**

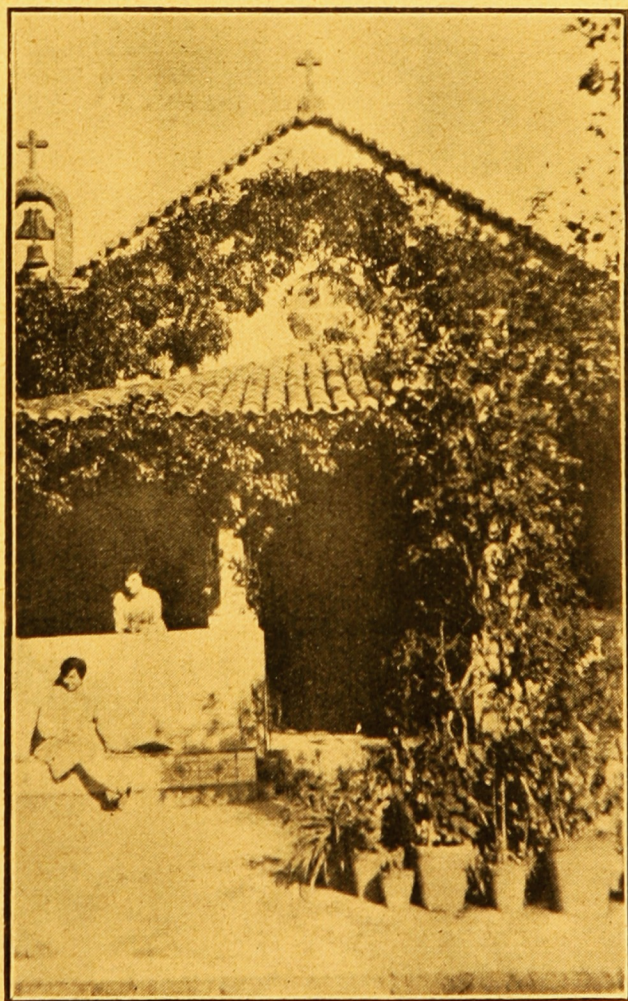
Publicamos hoje uma delicada poesia do nosso presado amigo e distinto colaborador P. Silva Gonçalves, escritor catolico de grande merecimento, e que tem ilustrado com os primores da sua pena brilhante muitos jornais e outras publicações da nossa terra.

Ao P. Silva Gonçalves se deve o sacrificio memoravel de ter aceitado a representação parlamentar dos catolicos, num momento perturbado e dificil da vida nacional, e quando eram bem diversas as condições sociais da Igreja. Ele preparou, com a sua abnegação, a construção, que veio a fazer-se de uma organização catolica.

No campo das letras, em que é distinto, ocupa um logar de preeminencia, com trabalhos de incansavel poligrafo, desde os seus melodosos versos até às cronicas e artigos de jornal — hoje dirige o «Diario do Minho» — e as obras de maior tomo, como as «Luctas do espirito e da carne», que a critica acolheu com o bom grado que mereciam.

A «Ilustração Catolica, que já saudou a sua partida para o Senado da Republica, quando esse era o sacrificio que pediam os interesses da Igreja e da Patria, orgulha-se de o registar no numero dos seus colaboradores e de o sentir identificado com o espirito que preside a este movimento.

Que as benções do ceu premeiem os trabalhos dedicadissimos do P. Silva Gonçalves, e que ele nos dê a honra da sua prestimosa colaboração nesta obra de arte cristã.



*CASCAIS. — Capela na quinta do Conde de Castro Guimarães.*

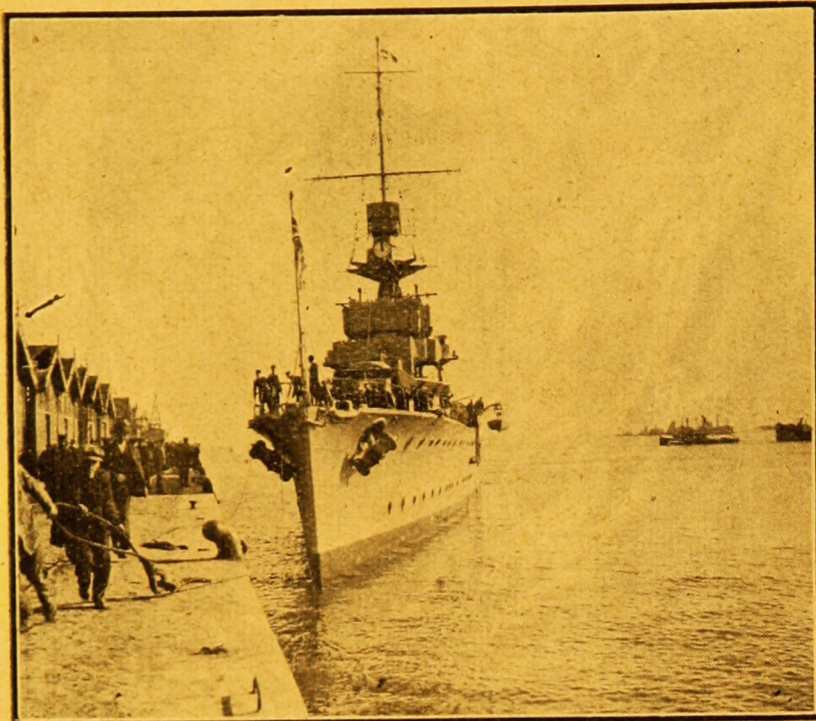
A comissão de peritos da secção económica da Sociedade das Nações, veio de Genebra, como estava anunciado, para estudar as possibilidades financeiras portuguesas, em vista da realização de um empréstimo, proposto à Sociedade pelo governo português. Aduzimos o facto como indicação de boas

assunto tão importante como a alimentação, bastar-se a si própria. Boa lição aos países que teem assoberbada por excessiva importação de trigo a sua balança económica!

\*

Os países de raça portuguesa estão destinados à hegemonia do mundo, se aproveitarem as suas excelentes condições de expansão, adaptação e riqueza natural. E' uma verdade bem reconhecida, e que teve ha pouco mais uma confirmação, essa autorisadissima.

Foi o caso que Lloyd George, eminente politico inglês, e que se demorou uns dias no Brasil, disse, no regresso, aos jornalistas que esse pais seria dentro de duas gerações uma das primeiras potencias do mundo. Interesses brasileiros não pode-



## ESQUADRA INGLESA EM LISBOA

1. — O navio almirante atracando à doca.
2. — Depois do «Coração» os outros navios atracam por seu turno.

relações. Oxalá o empréstimo, se for realizado seja acompanhado de medidas oportunas para o ressurgimento completo do nosso estado financeiro.

\*

Escrevemos estas anotações, quasi somente sobre o tema da nossa politica externa pois ela marca um pouco a vida universal. Mas se das fronteiras da Patria alongamos o olhar até outras nacionalidades e fronteiras, vemos por toda a parte um desejo de progredimento notavel a sobrepôr-se a quaisquer preconceitos de antiga politica.

\*

O snr. Mussolini, que, devemos registar, tem modificado muito o procedimento do fascismo em assuntos religiosos, respeitando a Igreja, e a sua Jerarquia, e sonhando com o fechar a questão romana, anuncia já uma nova campanha do trigo. A Italia quiere, em

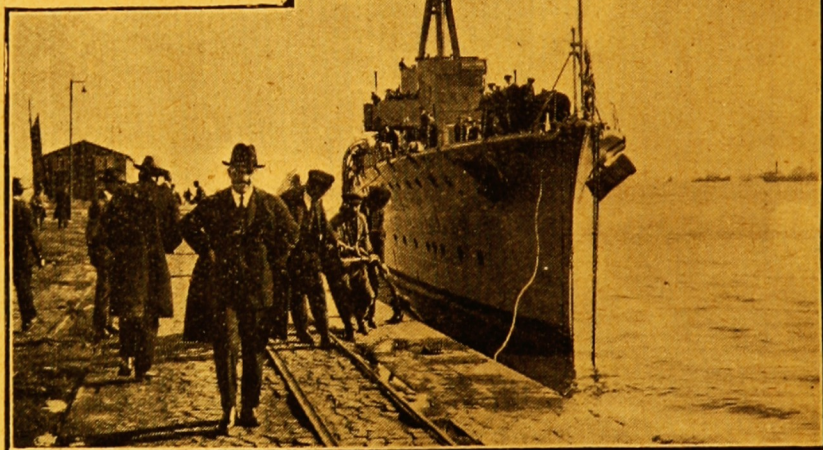
rão jamais isolar-se completamente dos portugueses.

\*

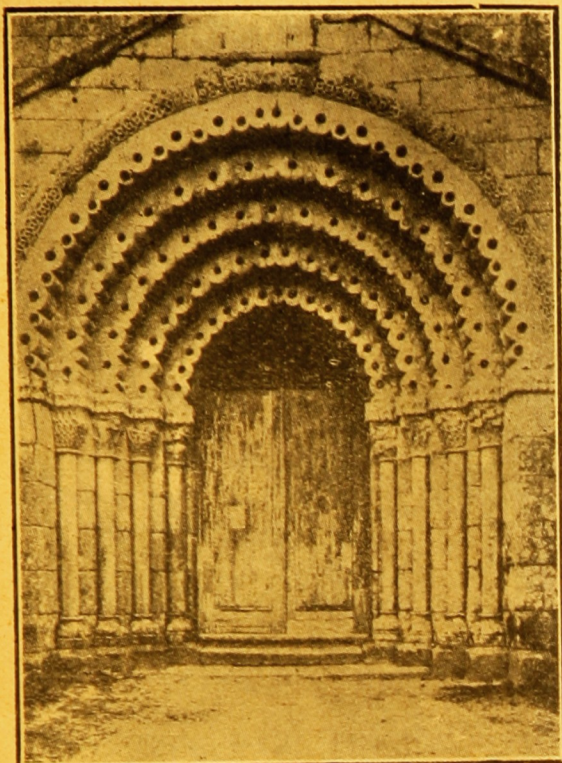
Ha dias o snr. Presidente da Republica apresentou à Santa Sé, para bispo de Mangalore, na India, um sacerdote português ha muito ali residente. O Padroado, pois, continua vivendo, e com jubilo se verifica que Portugal mostra-se, oficialmente, fiel à sua missão. A obra missionaria tem decidido apoio do Estado, assim ela tenha tambem a dedicação dos homens, e sobretudo da mocidade generosa. Faltam missionarios!

\*

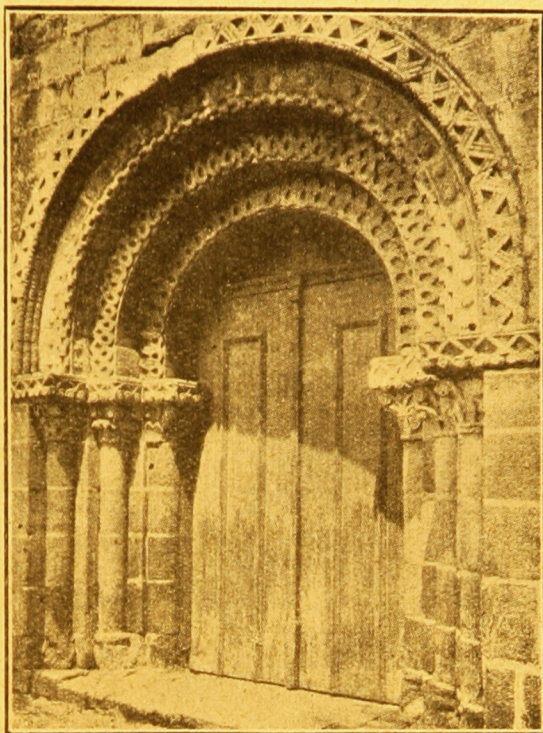
Conhece todo o país a estancia religiosa







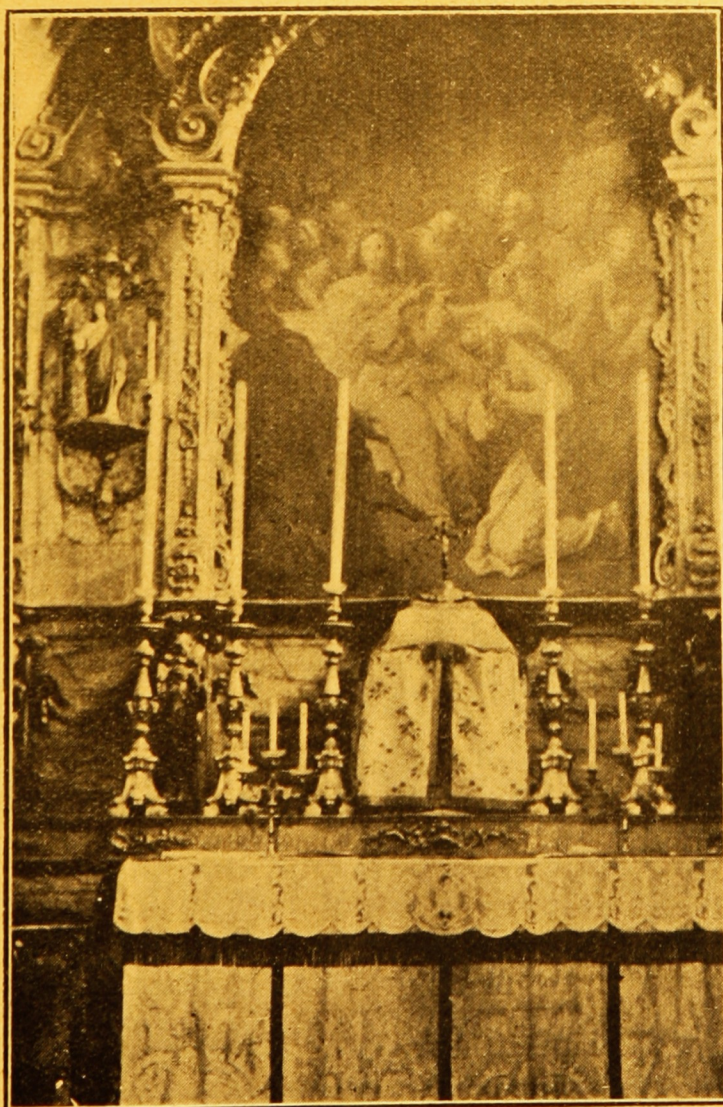
*Porta da Igreja de Ferreira (Paços de Ferreira)*



*Porta da Igreja de Manhente (Barcelos)*

do Sameiro. Não vamos, agora, fazer-lhe a historia, por mais sucinta, que seja. Todos os nossos leitores sabem que é o monumento comemorativo da Definição do dogma da Imaculada.

A primeira capela-mór do templo, era provisoria, quando o desenvolvimento das obras o permitissem daria lugar a uma abside, mais magestosa e luxuosa. Chegou a oportunidade. A capela-mór foi demolida e o altar da Imaculada trazido mais ao centro do templo, para se adiantar aquella construção. Dentro de dois anos se não faltar o favor dos fieis — e esse é de esperar que não falte — estará concluida a construção do templo, que ficará grandiosa.



*LISBOA — Cascais. Capela do Santissimo na Igreja Matriz*

### Pensamentos diversos

O que soube grangear uma boa casa, simples e agradável, e tem boa mesa, nada devia exigir para os sentidos; mas devia dedicar os ocios, e o que pudesse poupar, para a sua educação e a de sua familia, para a compra de livros sãos, para o cultivo de relações agradaveis e uteis, para o cumprimento de certos deveres da humanidade, para o gozo, emfim, do belo, assim em relação á natureza como em relação á arte.

O trabalho é a origem da moralidade, assim como a caridade a verdadeira base da religião cristã.

## Mais do que se pode

Em tempo de D. João IV fizeram-se na Corte umas grandes festas, nas quais os fidalgos saíram com muito brilhantismo e luzimento, o que pareceu bem ao rei, gabando o fausto e luzimento.

Tomé Pinheiro, porem, aludindo a que os fidalgos se haviam empenhado para elas, disse: — Senhor, os fidalgos de V. Magestade fazem o que devem e devem o que fazem.

## Papeis trocados

Deu um deliquio a D. João III, e logo chamaram o medico da Camara, Dr. Jeronimo da Silva Vila Real.

Entrando este nos regios aposentos encontrou o P. Amaral, jesuita, de joelhos à cabeceira do rei, tomando-lhe o pulso. Ao ver isto, disse em voz alta: — Senhor, aperte-me esta mão, aperte-me esta mão, que, quando o P. Amaral toma o pulso, o Vila Real absolve.

## Ora essa! porque não!

Alexandre Magno escreveu aos lacedemonios que o adorassem como Deus. O illustre Damis respondeu no senado à consulta: — Sim, concedamos a Alexandre que seja Deus.

A resposta foi na verdade irrisoria, porem merecida.

## Pedra de afiar

Preguntaram a Aristoteles como, ensinando a falar os outros, era ele tão calado. E o filosofo respondeu: — Tambem a pedra não corta, e mais afia o cutelo.

## Jerarquia do affecto

O imperador Alexandre Severo, vendose na contingencia de castigar algum amigo que tivesse delinquido, dizia: — *charior est mihi tota Respublica*. Se amor lhes tenho, estimo muito mais toda a Nação.

## Em boa mão estava

Teve um fidalgo certas diferenças com um lavrador, e quis tirar o pau que o camponio trazia. O lavrador, todavia, levantando-o, retorquiu: — Busque v. m. outro, que a este não faltará que fazer.

## Boa jurisdição

Uns grandes de Castela, entre os quais o Duque do Infantado, o Condestavel e o Conde de Benevente, enviaram o conde de Pliego a falar eom o cardial Ximenes Arcebispo de Toledo, e perguntar-lhe com que poderes governava.

O Cardial recebeu-o com vivas demonstrações de apreço, mas levando-o a uma torre do Paço em que tinha artilharia, fez disparar as peças, e respondeu: — Diga V. S. aos que o enviam que são estes meus poderes e titulo de governo.

## Escola de principes

Ja Platão à Sicilia reformar as leis, que Dionisio, tirano dela, havia pervertido, e disse com graça: — Eis que estou feito Medico, e vou curar a Sicilia, que sofre da cabeça.

## Primeiro feria

Era mui guerreiro o Papa Julio II e costumava dizer: «Os meus predecessores usaram as chaves de S. Pedro: eu quero tambem usar a espada de S. Paulo.»

Um cardial disse-lhe certo dia: — Sim, Santissimo Padre, mas V. Santidade sabe muito bem que Cristo disse a S. Pedro:

— Mete a tua espada na bainha.

— Assim é, — retrucou o Papa, mas isso foi depois de ter dado a cutilada.

## Os numeros do VII ano corrente

Por extravio do registo dos ultimos numeros publicados em 1919, saiu trocada a numeração dos que este ano se imprimiram, — o que alguns ex.<sup>mos</sup> assinantes nos observaram. No presente fasciculo fica definitivamente certa a numeração, que devem contar-se assim:

N.º 306 — de 14 de Janeiro

N.º 307 — de 21 de Janeiro

N.º 308 — de 28 de Janeiro, (o presente).

Pedimos desculpa aos nossos leitores do equivoco, causado, como dissemos, pelo extravio dos ultimos publicados em 1919.